

DO POVO E PARA O POVO: RELIGIOSIDADE E CULTURA POPULAR NA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO DE SANTA CRUZ DE GOIÁS

Paula Márcia Lázaro da Silva

Graduada em Letras (UEG); Mestre em Letras (UFU); Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL/UFCAT); Professora EBTB do Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí.
E-mail: paula_marcia@discente.ufcat.edu.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9084-8475>

Maria Helena de Paula

Graduada em Letras (UFG); Mestre em Letras e Linguística (UFG); Doutora em Linguística e Língua Portuguesa (UNESP); Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL/UFCAT).
E-mail: maria.helena.depaula@ufcat.edu.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7422-327X>

Resumo: Este artigo analisa a Festa do Divino Espírito Santo em Santa Cruz de Goiás, manifestação cultural e religiosa que, há mais de dois séculos, articula fé, memória coletiva e identidade comunitária no interior de Goiás. A partir de uma abordagem qualitativa, de base etnográfica e fundamentada nos estudos da linguagem, da cultura e da memória, investiga-se como as atividades culturais que compõem a Festa – como a Folia, o Batuque, a Contradança e as Cavalhadas – operam como linguagens simbólicas, expressando valores sociais, religiosos e afetivos da comunidade. As atividades festivas, ancoradas em tradições ibéricas e afro-brasileiras, evidenciam processos de resistência, pertencimento e atualização cultural e configuram um espaço privilegiado de reelaboração de sentidos e de reafirmação da identidade local.

Palavras-chave: Festa Popular; Cultura Popular; Identidade; Religiosidade.

Abstract: This article analyzes the Festa do Divino Espírito Santo in Santa Cruz de Goiás, a cultural and religious manifestation that has intertwined faith, collective memory, and community identity in the interior of Goiás for over two centuries. Based on a qualitative, ethnographic approach grounded in language, culture, and memory studies, the research examines how the cultural activities that comprise

the festival – such as *Folia*, *Batuque*, *Contradança*, and *Cavalhadas* – function as symbolic languages that express the community's social, religious, and emotional values. Rooted in Iberian and Afro-Brazilian traditions, these festive practices reveal processes of resistance, belonging, and cultural renewal, establishing a privileged space for the reinterpretation of meanings and the reaffirmation of local identity.

Keywords: Popular Festival; Popular Culture; Identity; Religiosity.

INTRODUÇÃO

As festas do Divino Espírito Santo estão associadas a festejos muito antigos que eram realizados em épocas de colheita. São festas que se baseiam na solidariedade, na ajuda recíproca e nas relações de parentesco e vizinhança. Uma das versões de sua origem tem seus primórdios por volta do século XIII, sendo instituída pela Rainha Isabel, a Rainha Santa, para que cessassem os conflitos entre Portugal e Igreja Católica¹. Celebrado no calendário católico cinquenta dias após a Páscoa, no Domingo de Pentecostes, o Espírito Santo – a terceira pessoa da Santíssima Trindade – era festejado com banquetes e distribuição de bodos² aos pobres.

O auge do culto ao Divino Espírito Santo em Portugal coincidiu com o período das grandes navegações e expansão do país, o que ocasionou a propagação do culto pela África portuguesa, Índia, arquipélagos da Madeira e dos Açores e de lá para os territórios onde as naus portuguesas alcançavam. No Brasil, trazido pelos colonizadores, o culto propagou-se durante o período colonial e com o passar dos anos tornou-se uma das celebrações mais tradicionais do país. Relatos de vários viajantes estrangeiros contam que o Divino Espírito Santo, no século XIX, era festejado por todo o país, principalmente no Sudeste, Centro-Oeste e regiões de imigração açoriana, como Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Em Goiás, o ciclo do ouro propiciou a formação de vilas e cidades. Exploradores chegavam em busca de riquezas e traziam consigo as tradições dos festejos, dentre eles, o culto ao Divino Espírito Santo. Não há registros precisos de como e quando chegaram, no entanto, viajantes e memorialistas europeus que, no século

1 A Rainha Santa Isabel (1271–1336), conhecida por seu trabalho de caridade para com os pobres, foi santificada pelo Papa Urbano VII em 1625. Atribui-se a seu esposo D. Diniz, rei de Portugal e conhecido como “Rei Lavrador”, a instituição da agricultura em Portugal, distribuindo terras a camponeses e retirando propriedades pertencentes à Igreja Católica. D. Diniz reinou de 1279 a 1325 (IPHAN, 2017, p. 121).

2 Bodos (ou vodos) era a distribuição de alimentos e, por extensão, de dinheiro e roupas a necessitados.

XIX, visitaram a Província de Goiás, noticiam as festas em seus registros, relatando-as como “expressão de um povo que sofria com a crise da mineração” (Bonetti, 2004, p. 54). Nesses registros, estão os festejos do Divino Espírito Santo do Arraial de Santa Cruz, hoje a cidade de Santa Cruz de Goiás.

Os festejos do Divino movimentam Santa Cruz de Goiás há mais de duzentos anos. Registros datam no ano de 1818 a primeira celebração. Durante os dias festivos, reúnem-se moradores da cidade, das fazendas, sítios e chácaras, moradores das cidades vizinhas e ex-moradores, que se deslocam para as festividades. Folia, missas, procissões, danças e apresentações marcam os acontecimentos que exaltam a fé, devoção e cultura locais. Canções, orações, testemunhos, histórias do presente e do passado se destacam e vão sendo transmitidas, preservando tradições e fortalecendo os laços sociais, culturais e religiosos na comunidade, que recria a história do lugar. Fora do tempo da Festa, o dia a dia é de relativa monotonia e tranquilidade típicas das cidades do interior, em que os trabalhos cotidianos e a vida em família representam uma determinada ordem. A Festa, portanto, é uma pausa na vida cotidiana e traduz o orgulho da comunidade santa-cruzana, que se expressa, vive e trabalha para sua realização.

Tradições, linguagens e cultura são elementos essenciais na compreensão das manifestações simbólicas que constroem os modos de ser, pensar e viver de um povo. Ao considerarmos o histórico da cidade de Santa Cruz de Goiás, a Festa em Louvor ao Divino Espírito Santo se destaca como um traço identitário, uma expressão viva de uma comunidade representando, além de uma celebração religiosa, um evidente rito de pertencimento. As manifestações culturais reúnem práticas como novenas, cortejos, batuques, danças e folias. Tais elementos representam as diferentes linguagens que traduzem uma multiplicidade de sentidos para aqueles que delas participam, evidenciando como as tradições se perpetuam e se ressignificam. Este artigo busca refletir sobre os sentidos atribuídos à Festa do Divino Espírito Santo da cidade de Santa Cruz de Goiás, analisando suas práticas simbólicas. A Festa emerge como uma pausa no cotidiano, um rito de celebração coletiva que reatualiza tradições, fortalece vínculos sociais e reafirma a fé como elemento estruturante da vida comunitária.

DESENVOLVIMENTO TEXTUAL

Compreender os conceitos de linguagem, cultura e memória é de fundamental importância para analisarmos as manifestações culturais e identitárias de uma comunidade. Neste trabalho, tais conceitos são interligados para o entendimento

das práticas sociais observadas na Festa do Divino Espírito Santo em Santa Cruz de Goiás, cuja riqueza e simbolismo se observam nas experiências coletivas do grupo.

O conceito de cultura, embora amplamente utilizado, não é de fácil definição. Pelegrini e Funari (2013) explicam que cultura não é algo que se transmita como simples herança, mas uma produção histórica e social, construída com base nas relações sociais. Bosi (1992) compreende a cultura “como um ‘efeito de sentido’, resultado de um processo de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço” (Bosi, 1992, p. 17, destaque do autor). Paula (2007) considera cultura

o conjunto de práticas sociais, situadas historicamente, que se referem a uma sociedade e que a fazem diferente de outra. Baseia-se na construção social de sentidos a ações, crenças, hábitos, objetos que passam a simbolizar aspectos da vivência humana em coletividade. Construída socialmente no cotidiano das relações humanas demanda que seja definida no seio das relações sociais e históricas que a amparam e por ela são caracterizadas (Paula, 2007, p. 74).

Nesse sentido, entendemos cultura como todo conjunto de representações criado nas interações humanas para se relacionar com o mundo. É, também, um fator de identificação de uma sociedade, pois atribui sentidos de valor às práticas culturais, diversificando e identificando cada indivíduo que participa de uma comunidade, por meio de suas especificidades e pelos modos de ver, sentir e expressar o mundo.

Para Sapir (2012), a cultura de um povo se mostra na forma como são expressas as experiências coletivas, crenças, normas e valores. Nesse sentido, linguagem e cultura, profundamente interligadas, estão em constante evolução e que mudanças em uma significam, conseqüentemente, mudanças em outra. Ao propor três concepções distintas para o termo “cultura”, Sapir (2012) evidencia o seu aspecto técnico, seu ideal de refinamento social e, por fim, uma concepção mais abstrata e espiritual, ligada às visões de mundo de um grupo. Essa última, segundo o autor, valoriza os modos de vida coletiva e a criatividade individual, mostrando que a cultura, embora coletiva, também é vivida subjetivamente.

Essa perspectiva simbólica é aprofundada por Geertz (1989), que entende a cultura como “um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atitudes em relação à vida” (Geertz, 1989, p. 89). De acordo com o autor, a cultura não é algo fixo, mas um processo de interpretação no qual

os significados vão sendo construídos de acordo com os contextos e, portanto, dinâmica e interpretativa, “composta de significados simbólicos e sociais” (Geertz, 1989, p. 6). Assim, como um texto pode ser interpretado de várias formas, revelando significados ocultos, também as práticas culturais devem ser “lidas” e interpretadas como ricas em significados.

Na análise das manifestações culturais da comunidade santa-cruzana, observamos esse processo interpretativo proposto por Geertz (1989). A Festa do Divino Espírito Santo é composta por um conjunto de ações simbólicas que revelam a identidade coletiva da comunidade. A forma como os moradores recebem a Folia, participam dos rituais religiosos e se engajam nas Cavalhadas demonstra a “tessitura de significados” a que se refere o autor. Cada indivíduo contribui, com suas particularidades, para a construção do coletivo. E cada pessoa que participa das representações da festa se constitui como participante pela experiência que entretece no e pelo coletivo.

A cultura popular está relacionada às práticas espontâneas, enraizadas no cotidiano da comunidade. Conforme Caldas (2007), trata-se da cultura produzida “pelo povo e para o próprio povo” (2007, p. 84), independente de mediações institucionais. Ela é vivida nas festas, nas ruas, nas celebrações e nos rituais que marcam a vida coletiva. A linguagem, por sua vez, é o meio pelo qual a cultura e a memória se manifestam. Ela é o instrumento por excelência para a construção e expressão da identidade de um grupo. Na Festa do Divino, as linguagens são diversas: nas palavras dos festeiros, nas canções da Folia, nos gestos dos dançarinos da Contradança, na encenação das Cavalhadas. Cada uma delas linguagens expressa sentidos e experiências partilhadas, que reforçam a coesão do grupo.

A memória, nesse contexto, também ocupa lugar central. Halbwachs (2006) define a memória como um fenômeno social, embora vivenciado individualmente. Ele distingue entre memória individual, ligada às experiências pessoais, e memória coletiva, que se forma a partir das lembranças partilhadas em um grupo social. Para o autor, essas duas dimensões são complementares: o indivíduo constrói suas memórias a partir das interações com o grupo, e o grupo, por sua vez, necessita dos indivíduos para manter viva sua memória coletiva.

Desse modo, é possível observar que a construção da memória e da cultura na comunidade santa-cruzana é mediada pela linguagem, que funciona como ferramenta de resistência, identidade e continuidade. Sapir (1954) já afirmava que a linguagem é uma construção social, resultante da convivência do indivíduo com seu grupo. A Festa do Divino Espírito Santo é, portanto, mais do que uma celebração religiosa; ela é um espaço simbólico onde a cultura, a linguagem e a memória se entre-

laçam para construir e reconstruir, ano após ano, a identidade singular de um povo.

Uma festa religiosa popular vai além de uma atualização da memória coletiva, pois permite a integração entre diferentes segmentos sociais que dela participam, entrelaçando a experiência concreta e a representação pública e aproximando elementos cotidianos e culturais, sagrados e profanos. A festa adquire importância, principalmente no espaço de realização. Ela o transforma, transformando também os sujeitos que dela participam e, por consequência, a comunidade e seu cotidiano. Nesse contexto, o evento festivo representa aquilo que é vivido pelos indivíduos, demonstrando resistência, em contraposição aos valores individualistas da sociedade contemporânea, uma vez que a festa

nega com veemência uma vida social compartimentalizada e indiferente e reintroduz no universo dos homens um estilo de relacionamento que o mundo burguês vê como despudorado e irracional. Depois, porque ela incita a um abandono do individualismo, quando pede proteção mágica contra um mundo que, ao contrário do que assegura o credo burguês, não é linear nem racional... Finalmente, porque as festas negam o poder do mercado, do dinheiro e da racionalidade capitalista que constrói os preços e o mundo. (DaMatta, 1998, p. 77).

Compreendemos, portanto, que as experiências vividas pelos indivíduos nos momentos festivos, especialmente nas festas religiosas, refletem em sua vida cotidiana, uma vez que a participação em uma festa pode proporcionar a oportunidade de dedicação a um projeto coletivo de atualização da memória.

No século XIX, as práticas católicas unidas às festas populares determinaram as características de uma religiosidade mais popular. Essas festas “eram celebradas com pessoas vindas de vários lugares e condições, onde a alegria imperava com músicas, danças, mascarados, e fogos de artifício” (Bonetti, 2004, p. 47). De acordo com Abreu (1999), nesse período, surgiam as primeiras confrarias que

podiam reunir membros de diferentes origens sociais, estabelecendo solidariedades verticais, mas também servir como associações de classe, profissão, nacionalidade e ‘cor’. Organizavam-se para a devoção a um santo protetor e para proporcionar benefícios aos irmãos, que se comprometiam com uma efetiva participação nas atividades (Abreu, 1999, p. 34, grifos da autora)

Essas festas, segundo a autora, eram o momento máximo dessas associações e organizadas em homenagem aos santos padroeiros mesclando elementos sagrados e profanos, deixando autoridades civis e religiosas preocupadas com o desenrolar das atividades. Eram festas regadas a música, dança, fogos, barracas com comidas e bebidas, novenas e procissões. Em sua maioria, havia a participação da população negra, com suas músicas, danças e batuques. Sobre a Festa do Divino a autora relata que, no século XIX, na cidade do Rio de Janeiro, várias irmandades prestavam suas homenagens ao Divino Espírito Santo, “quando se comemorava, liturgicamente, sua descida sobre os apóstolos, fonte de sabedoria e amor, e o próprio nascimento da Igreja Católica” (Abreu, 1999, p. 38).

Em território goiano, após o empreendimento exploratório do ouro e a invasão bandeirante, a população que aqui cresceu trouxe consigo essa tradição das festas religiosas populares. São festas que apresentam como base as manifestações religiosas em diálogo com eventos de dança, leilões, fogos, apresentações musicais, teatros e jogos, como a Festa do Divino Espírito Santo de Santa Cruz de Goiás, mesclando manifestações em homenagem ao Divino Espírito Santo, São Benedito e Nossa Senhora do Rosário e outros eventos religiosos e culturais, como a Folia, a Contradança, o Batuque e as Cavalhadas, além de *shows* musicais para a comunidade. Tal característica evidencia a reelaboração e a transformação dos costumes. Ao homenagear também os dois santos ligados, principalmente às Congadas, festa de matriz afro-brasileira, a Festa revela elementos característicos da formação do povo brasileiro. Não se pode negar a influência desses elementos na tradição da Festa em louvor ao Divino Espírito Santo em Santa Cruz. Isso é evidenciado principalmente nas manifestações que dela fazem parte, como as danças apresentadas pela Contradança, muitas, inclusive, censuradas pela Igreja Católica; o caminho do Batuque, que percorre as ruas da cidade de Santa Cruz de Goiás ao som de uma caixa e outros instrumentos de origem afro-brasileira, entre outros.

As festas religiosas populares fazem oposição às duras condições de subsistência e exclusão daqueles que as fazem, propondo um tempo de alegria, devoção e fé, como alternativa para os problemas e situações cotidianas. Entender sua cultura permite a compreensão das formas que os grupos lidam, garantindo a descoberta da consciência de pertencimento e da identificação. Ademais, agregam diversas camadas sociais e adquirem maiores dimensões em seus movimentos coletivos relacionados à religião, como o culto aos santos padroeiros, procissões, romarias, entre outros, reunindo pessoas que, embora com objetivos e desejos diferentes, contribuem para a realização de eventos com grandes proporções. No ritual de uma festa, “o mundo vivido e o mundo imaginado fundem-se sob a mediação

de um único conjunto de formas simbólicas” (Geertz, 1989, p. 129). Isso se torna evidente nos contextos das festas, fazendo com que estas sejam uma espécie de intermédio entre os mundos (real/imaginário/sagrado/profano) e estes, no meio popular, se tornam um só, uma vez que os indivíduos em coletividade partem de seus desejos para alcançar algo maior, divino.

A religiosidade popular não se concentra na questão social, de divisão de classes. Vai além dessa divisão, adquirindo, com o passar do tempo, uma dimensão maior, com o aumento de participantes em suas festividades, ritos, peregrinações. Esses atos coletivos ganham força e importância e, no momento do encontro coletivo, imposto pelo rito, a festa é local para a construção de laços (de amizade, de cidadania, de pertencimento, de tradição, de religiosidade), pois são “principalmente os rituais mais elaborados e geralmente mais públicos que modelam a consciência espiritual de um povo” (Geertz, 1989, p. 129). Em cada rito, ações representativas vão sendo realizadas, dando o contexto da celebração e utilizando diversas linguagens: a fala, os gestos, a dança, a música, os fogos, entre outras que, em prática, geram inúmeras sensações e diferentes interpretações na comunidade participante, firmando sentimentos de pertencimento criados a partir do sistema simbólico dos ritos e festejos.

O caráter festivo que se manifesta na prática das festas religiosas é um reflexo do que afirma Geertz, em seu conceito sobre religião, como sendo

Um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (Geertz, 1989, p. 104-105).

Segundo o autor, as práticas do contexto religioso representam um composto de linguagens concebidas simbolicamente por diversos grupos sociais e que refletem na vida cotidiana. Uma festa é um acontecimento social e flexível, pois é capaz de, ao mesmo tempo, conservar elementos tradicionais e incorporar elementos novos, adquirindo novas dimensões mediante modificações da sociedade. De frequência cíclica ou sazonal, ela envolve coletivamente as pessoas de determinada comunidade produzindo uma ruptura com a rotina, capaz de criar comportamentos, rituais, relações e até conflitos diversos, simplificando interações sociais que se repetem no cotidiano. Exatamente pelo fato de romper com a rotina, a festa autoriza comportamentos e motivações proibidas que não aconteceriam em dias

considerados “normais”. Brandão (1974), em um de seus estudos sobre festas populares, especificamente as Cavalhadas de Pirenópolis, define a festa como “um acontecimento social de efeito identificador” (Brandão, 1974, p. 6). É por meio da festa que a sociedade rememora a si própria, seus valores, seus preceitos, sua história, homenageando e honrando seus símbolos e personagens; apresentando, de alguma forma, conteúdos simbolicamente exclusivos, logo, identificadores de sua cultura local e definindo seus rituais de festa como símbolos de sua vivência, organização e modos de ser e

justamente porque reproduz de modo simbólico e simplificado a sociedade que a produziu, a festa oferece mensagens de uma pedagogia social necessária e oportuna. Um dos aspectos mais importantes dentro de uma observação e análise atentas do que se passa em cada evento, ou em vários eventos combinados, é o modo como a sociedade não só reproduz os símbolos de seus valores e sua identidade, mas o modo como recria codificadamente a sua própria ordem ao mesmo tempo a ideologia por que se legitima e através da qual legitima também quem a faz e como se faz, dentro das relações previstas nos rituais da festa (Brandão, 1974, p. 6-7).

Nos festejos do Divino Espírito Santo de Santa Cruz de Goiás, uma série de eventos movimentam a cidade, quebrando a rotina característica das pacatas cidades de interior. São acontecimentos que se repetem ano após ano, com algumas variações, mas praticados inúmeras vezes. Quem se acostuma ao vai e vem das grandes cidades, dificilmente compreende a importância, para a comunidade, da saída da Folia do Divino, com foliões e anfitriões calorosos e devotos; ou o barulho do Batuque nas madrugadas; ou a dança de damas e cavaleiros mascarados; ou a coreografia dos cavalos na batalha em campo. Mas “se o efeito da festa consiste em conservar os seus rituais, todo ano ela quebra com a repetição deles, os dias infinitamente iguais da rotina” (Brandão, 1974, p. 3). A Festa do Divino Espírito Santo adquire tamanha importância para a comunidade de Santa Cruz de Goiás porque, por meio dela, essa comunidade apresenta sua cultura, saúda seus conterrâneos, honra e homenageia seus representantes mais ilustres e simbólicos e busca legitimar sua ideologia, principalmente por meio das demonstrações de fé e devoção ao Divino.

Para Brandão (1974), duas palavras se referem à dinâmica de uma festa popular e religiosa: festa e rotina. A rotina representa quase a totalidade dos mo-

mentos vividos numa comunidade, principalmente as rurais e de cidades do interior, conservando a ordem das relações sociais e os “padrões reconhecidos por elas próprias como ‘normais’ no modo de vida da sociedade” (Brandão, 1974, p. 9, destaque do autor). O que representa a rotina, para o autor, é o cotidiano, ou seja, as ações que a comunidade (re)produz em seu dia a dia de trabalho, igreja, casa, família. A festa é a quebra dessa rotina, pois “se instala em uma faixa de cotidiano que ela altera como um acontecimento periódico (mas quase nunca rotineiro), ou eventual (em certos casos, único)” (Brandão, 1974, p. 9). Ela altera o cotidiano, principalmente os comportamentos sociais. Além de identificador, pois caracteriza determinada sociedade e seus símbolos, Brandão considera a festa um acontecimento de ritualizações, sendo um ritual completo, “na mesma medida em que se realiza através de rituais como sistemas de comportamentos de oposição aos comportamentos produtivos da rotina” (Brandão, 1974, p. 9).

E assim, por meio das diversas linguagens que a representam, a Festa vai se materializando em sentidos, tanto para a comunidade que a realiza quanto para os espectadores que a acompanham. A seguir, apresentamos, resumidamente, as principais atividades que representam a Festa do Divino Espírito Santo de Santa Cruz de Goiás, cada uma delas, com suas particularidades, fazem com que a Festa seja única, tanto para a região quanto para a comunidade santa-cruzana.

A FOLIA DO DIVINO: FÉ E CULTURA

A Folia do Divino Espírito Santo é uma das principais manifestações culturais e religiosas da Festa do Divino em Santa Cruz de Goiás, marcada pela peregrinação da Bandeira do Divino pelas zonas urbana e rural do município. Organizada por membros da comunidade e com o apoio da Igreja Católica, é considerada o início da Festa, simbolizando a presença sagrada nas casas visitadas e mobilizando os fiéis por meio de cantos, orações e doações. A bandeira, carregada à frente, é tratada como uma materialização do Espírito Santo, recebida com grande devoção pelos moradores. A dinâmica das visitas é cuidadosamente organizada, com funções específicas entre os foliões – músicos, embaixadores, sacoleiras e coordenadores – reforçando a coletividade e a tradição. As músicas executadas durante as visitas são compostas pelos próprios participantes, adaptando-se às situações vividas em cada lar. A Folia também é permeada por crenças e regras próprias, refletindo o sistema simbólico e a sacralização dos rituais. Em suma, a Folia do Divino sintetiza a relação entre fé, identidade e resistência cultural, sendo reconhecida pela comunidade como o momento mais significativo da Festa do Divino. Por meio dela,

práticas de devoção, convivência social e continuidade histórica se manifestam, reafirmando os valores simbólicos e coletivos de Santa Cruz de Goiás.

A CONTRADANÇA: MEMÓRIA E IDENTIDADE COLETIVA

A Contradança, tradicionalmente apresentada após as missas do Tríduo durante a Festa do Divino Espírito Santo em Santa Cruz de Goiás, é uma expressão cultural de grande relevância simbólica. Com origens europeias e adaptada ao contexto local desde o século XIX, a dança envolve vinte e quatro jovens divididos em pares – cavaleiros mascarados e damas –, realizando coreografias padronizadas ao som da Banda Lira 8 de Dezembro. A performance, atualmente centralizada no pátio da Igreja Matriz, é marcada por elementos de teatralidade, simbologia e interação com o público.

A confecção artesanal das máscaras e o envolvimento da comunidade evidenciam o caráter coletivo da manifestação, cuja organização é sustentada por famílias guardiãs da tradição. Apesar das adaptações exigidas pela Igreja Católica, como a censura ao “Batuquinho” por seu teor considerado lascivo, a comunidade ressignificou a prática, mantendo-a viva e transformando-a em um instrumento de resistência cultural e afirmação identitária. A Contradança representa, portanto, uma linguagem performática e ritual que articula passado, presente e futuro, reforçando o pertencimento e a continuidade cultural da comunidade santa-cruzana.

O BATUQUE: O RITMO DA ANCESTRALIDADE

O Batuque em Santa Cruz de Goiás é uma manifestação de matriz africana ressignificada no contexto da Festa do Divino Espírito Santo. Realizado durante oito madrugadas que antecedem os festejos, o ritual consiste em uma caminhada pelas ruas da cidade ao som da caixa centenária e de outros instrumentos percussivos, despertando a população e anunciando a proximidade da Festa. A caixa, patrimônio material e simbólico herdado de gerações quilombolas, representa a continuidade da ancestralidade negra em meio às celebrações católicas populares.

Originalmente vinculado ao despertar dos cavaleiros das Cavalhadas, o Batuque foi incorporado como elemento simbólico de abertura dos festejos e transformado em ritual coletivo de afirmação cultural. A prática envolve também a “farofa”, uma refeição oferecida espontaneamente por moradores ao final da caminhada, reforçando os laços de solidariedade e reciprocidade. Apesar das tentati-

vas de silenciamento por parte da Igreja Católica – como a tentativa de renomear o ritual como “Caminhada da Fé” – e da ausência da atividade nos materiais oficiais da Festa, o Batuque persiste como um potente símbolo de resistência, memória afrodescendente e celebração comunitária.

AS CAVALHADAS: TEATRO DE FÉ E TRADIÇÃO

As Cavalhadas são consideradas a principal atração da Festa do Divino Espírito Santo em Santa Cruz de Goiás, reconhecidas como a manifestação cultural mais esperada e símbolo de identificação da cidade. Realizadas como um grande teatro equestre ao ar livre, elas remontam à tradição ibérica da luta entre cristãos e mouros, sendo adaptadas no Brasil a partir do século XVI, inicialmente por elites e, posteriormente, popularizadas em festas religiosas.

Em Santa Cruz de Goiás, as Cavalhadas ocorrem em dois dias e mesclam encenação teatral com jogos equestres, unindo elementos das representações conhecidas como “Cristãos e Mouros” e “Cavalhadas”, segundo as classificações do folclore brasileiro. A narrativa encenada gira em torno do imperador cristão Carlos Magno e sua sobrinha, a princesa Angélica, raptada pelo rei mouro que se recusa a converter-se ao cristianismo. Essa trama simbólica culmina na batalha entre os exércitos azul (cristãos) e vermelho (mouros), que se encerra com a conversão e o batismo dos mouros.

O espetáculo é marcado pela entrada triunfal dos cavaleiros, ao som da Banda Lira 8 de Dezembro e da caixa tradicional, e pela presença dos palhaços mascarados, que interagem com o público e desempenham funções dramatúrgicas. Nos jogos equestres, os cavaleiros demonstram suas habilidades em provas como o acerto de argolinhas e cabeças, atraindo torcidas divididas entre os dois exércitos.

A figura da princesa é central na narrativa e simboliza tanto a motivação da batalha quanto a presença feminina no ritual. Escolhida anualmente por concurso, ela representa o ideal de pureza e fé, vestindo azul no primeiro dia (cor dos cristãos) e vermelho no segundo (cor dos mouros), conforme a progressão da história encenada.

Além do valor simbólico e religioso, as Cavalhadas funcionam como ritual de identificação social e expressão coletiva de pertencimento. A participação da comunidade é unânime e revela o papel central dessa encenação na manutenção da memória cultural e da religiosidade popular de Santa Cruz de Goiás.

METODOLOGIA

Este trabalho é um recorte da tese intitulada “Tradição, Lingua(gens) e Cultura: a Festa do Divino espírito Santo em Santa Cruz de Goiás”, na qual utilizamos da pesquisa qualitativa. O pesquisador qualitativo, pautado na interpretação do mundo real, preocupa-se com o “caráter hermenêutico na tarefa de pesquisar sobre a experiência vivida pelos seres humanos” (Oliveira, 2008, p. 7). Essa tarefa se justifica pelo fato de que nosso estudo tem como tema um grupo de pessoas e suas atividades na referida festa, lidamos com a interpretação que essas pessoas fazem do mundo, uma vez que são “não apenas agentes interpretativos de seus mundos, mas também compartilham interpretações à medida que interagem com outros e refletem sobre suas experiências no curso de suas atividades cotidianas” (Prus *apud* Moreira, 2002, p. 50-51). Como consequência dessa capacidade para a interação, algumas técnicas para coleta de dados são adotadas pelos estudiosos que utilizam a pesquisa qualitativa, dentre as quais, destacamos as que foram por nós utilizadas: a observação participante e a entrevista.

Na observação participante, realizamos uma imersão no mundo dos sujeitos participantes, buscando entender os comportamentos, as situações e como os participantes constroem sua realidade. Moreira (2002) conceitua a observação participante como “uma estratégia de campo que combina ao mesmo tempo a participação ativa com os sujeitos, a observação intensiva em ambientes naturais, entrevistas abertas e análise documental” (Moreira, 2002, p. 52). Ainda segundo o autor, o resultado dessa observação participante é o que se conhece por relato etnográfico, que se constitui de anotações com detalhes sobre o cotidiano, as atividades dos participantes e que são derivadas das anotações de campo, tomadas pelo pesquisador. A entrevista é uma “conversa entre duas ou mais pessoas com um propósito específico em mente” (Moreira, 2002, p. 54). É um dos instrumentos que permite ao pesquisador captar a informação desejada, com qualquer informante, sobre os mais diferentes tópicos. Em nossa pesquisa, tínhamos a intenção de estudar a Festa do Divino Espírito Santo e as atividades desenvolvidas pela comunidade, um objeto de estudo interativo por natureza. Portanto, necessitávamos de um apanhado teórico-metodológico que se ajustasse ao objeto investigado. Desse modo, as duas técnicas para coleta de dados supracitadas nos ajudaram a entender o que é a Festa do Divino e o que ela representa para a comunidade santa-cruzana.

ANÁLISE DE DADOS

A observação das atividades contribuiu para que pudéssemos entender a comunidade, os participantes de cada atividade cultural e pensar nas possíveis contribuições que cada um deles, porventura, pudesse oferecer. Uma vez que nosso estudo envolvia seres humanos, para a realização das entrevistas e gravações foi necessário a formalização da pesquisa junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Catalão.

Os participantes da pesquisa foram membros da comunidade que participam das atividades da Festa. Para identificá-los, formulamos, a nossa maneira, um código alfanumérico que eliminasse a possibilidade de trazê-los à memória por seus nomes, evitando assim algum desconforto por parte deles e de quem ler nossos resultados. Desse modo, temos: **P** para participante, **M** ou **F** referindo-se ao gênero masculino ou feminino e um numeral cardinal representando a ordem das entrevistas. Assim, a identificação **(PM1)** refere-se à primeira entrevista (1), participante do gênero masculino (PM).

Posteriormente, o material gravado nas entrevistas foi transcrito para que pudéssemos descrever, analisar e selecionar partes que nos orientariam na pesquisa. Nosso estudo buscou analisar, por meio de observações em campo e entrevistas, como a Festa do Divino Espírito Santo da cidade de Santa Cruz de Goiás é entendida e vivenciada pela comunidade e como esse entendimento reflete nos costumes, nas tradições e no modo como a comunidade se expressa. Desse modo, buscamos, através dos dados extraídos do *corpus*, compreender os sentidos da participação e vivência dos participantes da pesquisa em seus aspectos sociais, históricos e religiosos.

DISCUSSÃO

Celebrada todos os anos, a Festa é um marco da identidade santa-cruzana e representa momentos de fé e tradição. O modo como a comunidade encara a Festa e os preparativos, a união da comunidade com a produção dos eventos e a organização das missas e novenas, a alegria em celebrar o tempo festivo e o pensamento de que a preservação da Festa e suas tradições é parte dessa união entre famílias e gerações é a forma que a comunidade encontra de conservar sua identidade e preservar sua memória:

Essa festa é um momento onde a gente se une, a gente supera todas as dificuldades. A gente supera as brigas políticas e se une pra realizar essa

festa. Eu acho que, essa festa, o sentimento de realmente ser santa-cruzano e... fazer parte, né? De u'a cidade histórica, do Estado de Goiás que tem u'a cultura tão rica como a gente tem. [En]tão, pra mim, é gratificante demais, poder fazer par[te] de tudo, além de preservá a memória daqueles que deixaram isso escrito pra gente (PM1).

É possível notar que a comunidade, por meio das práticas religiosas como a Festa do Divino, preserva a religiosidade como tradição cultural e, embora com os avanços científicos e tecnológicos, as festas religiosas ainda representam grande influência na vida da comunidade santa-cruzana, cuja devoção aos santos católicos – principalmente São Benedito e Nossa Senhora do Rosário – e ao Divino Espírito Santo é uma forma de expressão intensa de religiosidade:

Olha... eu ten[h]o marcado em mim um momento em que assisti u'a coroação de Nossa Senhora. Eu acho qu'eu tinha uns 8 anos. Como minha mãe é muito devota, eu fui co'ela. Menina, mas eu encantei... que coisa mais linda, chei[o] de fé. Emocionei demais e aí, eu sempre vou, sabe? Nesses momento, o que eu sempre observo é a fé e a devoção das pessoas... É u'a coisa muito forte que só quem tá lá sente. Acho que foi isso que aconteceu comigo quand'eu vi, eu senti. É o Divino mesmo! O fogo do Divino que desce e enche a gen[te] de fé! (PF2).

A crença é de que o Divino – ou algum outro santo de devoção – pode intervir e acabar com os problemas vividos, principalmente com as doenças. Dessa forma, o devoto escolhe elementos que, de alguma forma, representam razões e sentidos para manter a fé e a devoção. A bandeira do Divino é um desses elementos. Levada pela Folia do Divino para visitar as casas, os anfitriões acreditam que, recebendo a bandeira, vão receber proteção, saúde e prosperidade. A bandeira é o próprio Divino Espírito Santo que irá adentrar as casas e abençoá-las. Os milagres e as promessas às graças recebidas vão sendo comprovados pelos participantes e anfitriões que, a cada ano, querem homenagear o Divino e agradecer pela benção recebida:

Tanto que toda vez que vai, todo ano, ela oferece ou um almoço ou um lanche ou pizza para todo mundo, sabe? Uma vez ela, quando ela recebeu o milagre, a graça, ela aí no outro ano, ela já fez um almoço lá. Menina, você não tem noção do tanto de gente que foi para lá não... lotado. Aí, de lá para cá, ela recebe a folia constantemente e assim, tem muito assim,

igual a gente vai em casa de idoso, eles já recebe a Bandeira ajoelhado, sabe? Ah, é muito bonita a fé (PF6).

Para Pierre Sanchis (1993), a promessa “é uma relação estabelecida entre a condição humana concreta e um invólucro de santidade que a rodeia. Faz parte de uma visão de mundo dentro da qual constitui um modo de comunicação essencial” (Sanchis, 1993, p. 132). Por essa razão, segundo o autor, a promessa se aproxima do sacrifício, estabelecendo uma relação de trocas e, graças a essas recorrentes trocas, uma solidariedade entre as duas sociedades – a divina e a humana – se estabelece. Ganha-se, desse modo, a certeza da proteção e da presença do sagrado acompanhando o devoto em todos os momentos de sua existência.

A organização da Festa demanda esforço dos festeiros e de toda a comunidade envolvida. Diversos setores se mobilizam para garantir que a programação siga de forma organizada e sem maiores problemas. Nessas ocasiões, a união dos setores mostra, mais uma vez, que a Festa é feita pelo povo e para o povo, pois a participação da comunidade vai desde as doações para as refeições, o transporte dos cavalos, a montagem das estruturas dos shows, das barraquinhas, do campo onde as Cavalhadas são encenadas até a organização das celebrações religiosas.

E desse modo, a Festa acontece todos os anos, mas não se caracteriza como imóvel e nem imutável. Passa por adaptações, seguindo as mudanças da sociedade. Os rituais são transmitidos de geração para geração, entre as famílias e, desse modo, vão sendo repassados os valores morais, religiosos, afetivos e, principalmente, tradicionais da Festa do Divino. Durante os preparativos das atividades culturais, todos conhecem seus papéis e têm a noção do que se espera de cada um. É nesse contexto que a Festa do Divino representa um evento que mantém as tradições culturais de Santa Cruz de Goiás. Segundo Brandão (1978),

A festa é um compromisso coletivo da cidade para com o Divino. Ela é ao mesmo tempo: a) uma coleção de rituais de prestação de homenagens coletivas ao santo; b) uma situação propiciadora de efetivas relações simbólicas (missas, novenas, procissões) de fiéis, com o Divino; c) uma sucessão de momentos historicizados em que pela ordem em que processam os acontecimentos festivos confirma-se a presença sobrenatural do Espírito Santo em favor da comunidade (Brandão, 1978, p. 67).

O Divino Espírito Santo é o centro da Festa. Sua presença, representada pelos seus símbolos, torna as atividades ainda mais importantes, proporcionando mo-

mentos de testemunhos de fé e devoção. E a crença de que o Divino sempre será um auxiliador, um protetor, é o grande motivo para que a população participe intensamente de todas as atividades, conforme explica Brandão (1978),

confirma-se que as pessoas do lugar possuem uma acentuada “crença no poder do Espírito Santo”. Por essa razão, ele é coletivamente festejado através da combinação de modos diversos de culto e homenagem – tanto religiosos, quanto profanos – através dos quais a população local comemora sua crença e “seu santo”: pagando votos feitos ao Divino e homenageando o Espírito Santo (Brandão, 1978, p. 65, destaques no original).

A Festa, além do aspecto religioso, mantém a comunidade em constante movimento e representa oportunidades para que a comunidade demonstre sua fé, sua devoção, sua alegria e seu orgulho em cultivar tradições tão importantes para a memória de todos os cidadãos santa-cruzanos:

Ela representa muito, porque... sendo redundante, é, é onde o santacruzano se manifesta... é onde... porque é a única época do ano que a gente tem toda a nossa história reunida no mesmo período, onde a gente pode manifestar tudo é... dent[ro] do mesmo espaço. É... a gente ir nu’a missa de domingo é gratificante, você se coloca na presença de Deus, é renovador. Mas u’a missa festiva de São Benedito, ali na porta cê vai encontrar um primo que há muito tempo cê não via, um amigo que mora fora... cê vai encontrar alguém curioso pra conhecê um pouco sobre aquilo ali, porque é parente de algum feste[i]ro, que não convive aqui, que não é daqui... Eu, eu acho que essa festa pra nós... ela representa... a sobrevivência da nossas manifestações. (PM1).

A Festa é a própria comunidade que a protagoniza. Seus participantes, membros da comunidade santa-cruzana, homens e mulheres trabalhadores e de muita devoção que não se esquecem de suas tradições e de seus representantes mais célebres e que, todos os anos, abdicam de seus compromissos pessoais para se dedicarem a uma única missão: levar a mensagem de fé e esperança do Divino Espírito Santo a todos aqueles que a desejarem receber.

CONSIDERAÇÕES

A Festa do Divino Espírito Santo em Santa Cruz de Goiás articula múltiplas manifestações culturais que, entrelaçadas, expressam a religiosidade popular, a memória coletiva e a identidade social da comunidade. A Folia, com sua peregrinação da Bandeira do Divino, representa o início simbólico da festa e o momento de maior devoção, promovendo o encontro entre o sagrado e o cotidiano por meio de cantos, orações e visitas às casas. A Contradança sintetiza a linguagem corporal e estética da festa, mantendo viva uma tradição europeia adaptada à realidade goiana, transmitida entre gerações com criatividade, dedicação e resistência frente às interferências institucionais. O Batuque, com raízes na ancestralidade africana, ressignifica a herança cultural negra ao anunciar, nas madrugadas, a chegada da Festa. Mais que batidas ritmadas, ele carrega no som da caixa centenária a memória de um grupo social que historicamente resistiu ao silenciamento e à exclusão simbólica. Por fim, as Cavalhadas configuram o grande teatro equestre da fé e da tradição, dramatizando a narrativa entre cristãos e mouros e reafirmando valores de coragem, conversão e vitória do bem, ao mesmo tempo em que promovem o engajamento comunitário por meio da encenação e dos jogos, construindo memórias e reforçando identidades coletivas de pertencimento.

Juntas, essas práticas constroem um sistema simbólico rico e plural, no qual o sagrado e o profano, o europeu e o afro-brasileiro, o tradicional e o adaptado convivem, se atualizam e, não raro, se interpenetram. A Festa do Divino em Santa Cruz de Goiás preserva o patrimônio imaterial de seu povo e também o reinventa, reafirmando ano após ano o pertencimento, a fé e a continuidade cultural de uma comunidade profundamente ligada às suas raízes.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. **O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.

BONETTI, Maria Cristina de Freitas. **Contra-Dança: Ritual e festa de um povo**. 2004. 195 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Universidade Católica de Goiás, Departamento de Filosofia e Teologia, Goiânia-GO, 2004.

BOSI, Alfredo. Plural, mas não caótico. In: BOSI, Alfredo. (Org.). **Cultura brasileira: temas e situações**. São Paulo: Ática, 1992. p. 7-14.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cavalcadas de Pirenópolis**. Um estudo sobre representações de cristãos e mouros em Goiás. Goiânia: Oriente, 1974.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Divino, o Santo e a Senhora**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1978.

CALDAS, Waldenyr. **Cultura**. 5. ed. São Paulo: Global, 2007.

DAMATTA, Roberto da. A mensagem das festas: reflexões em torno do sistema ritual e de identidade brasileira. **Sexta-feira**, ano 2, n. 2, p. 72-81, abr. 1998. Disponível em: https://www.usp.br/revistasexta/ed_02.html Acesso em 15 dez. 2024.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. 1. ed. 13. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Travessias**, v. 2, n. 3, 2008. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/download/3122/2459>. Acesso em 12 dez. 2023.

PAULA, Maria Helena de. **Rastros de velhos falares: léxico e cultura no vernáculo catalano**. 2007. 521 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, Araraquara-SP, 2007.

PELEGRINI, Sandra C. A.; FUNARI, Pedro Paulo. **O que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2013.

SANCHIS, Pierre. **Fiéis e Cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1993.

SAPIR, Edward. **A Linguagem: Introdução ao Estudo da Fala**. Trad. J. Mattoso Câmara Jr. Instituto Nacional do Livro: Rio de Janeiro, 1954.

SAPIR, Edward. Cultura: autêntica e espúria. Trad. José Reginaldo Gonçalves e Markus Hediger. **Sociologia & Antropologia**, v.2, n.4, p. 35-60, out. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sant/a/NtNv3rLWLFBS6td9tNKyGf/?lang=pt>. Acesso em: 12 out. 2024.